

15

3. A Distribuição territorial e a evolução da sua frequência entre os séculos XII-XV

Duas condicionantes principais:

evolução da demografia e do poder económico das zonas recentemente conquistadas;
sedimentação de uma hierarquia pela primeira vez com carácter nacional, centralizada no poder real.

Claustro da Sé de Lisboa: construído por D. Dinis.

É clara a deslocação da maior frequência do Norte em direcção ao Sul acompanhando o evoluir da sociedade portuguesa da época e sendo expressão (/16) simbólica da sua sedimentação na zona a que recentemente se estendera a soberania nacional. Neste movimento, aliás, foi relevante a passagem do Panteão Real, do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra onde foram exumados os dois primeiros reis de Portugal, para o Mosteiro de Santa Maria de Alcoçaba, operada a partir de D. Afonso II.

... Outro aspecto que podemos constatar é o reforço das cidades em geral, corolário dos movimentos demográficos que se vinham verificando e que é patente na quantidade de túmulos existentes em algumas delas, a partir do final do século XIII.

18

... já no século XIV, outras classes sociais além dos bispos e suplantando-os numericamente, dão também expressão ao ascenso do poder urbano com a construção de túmulos na cidade, num processo que se prolonga pelo século XVI.

20

4. A arca

Consideraremos em separado a caracterização da arca e do jacente ou da tampa. Fá-lo-emos não só por razões metodológicas mas também porque são estruturas paralelas que por vezes seguem caminhos diferentes e até divergentes e que são manifestos em autorias diferentes ..., em tamanhos não coincidentes ..., em materiais diferentes (... Domingas Sabachais , Inv. n. os ... 63, os jacentes são de calcário de Portunhos e as arcas de granito da região), e até e, épocas diferentes de construção

21

O número de arcas decoradas é de 19 para os séculos XII-XIII, 40 para o século XIV e 57 para o XV.

22

... Começa-se a esboçar aqui (o estudo dos arcosólios confirmá-lo-á) um dos elementos mais ricos da arte tumular medieval portuguesa: a relação da arca feral com a parede. Quando começa o período em análise [século XII] está-se em pleno processo de entrada do túmulo no interior das igrejas. Ao entrar, a arca tumular é depositada num arcosólio preexistente (ou feito expressamente mas de forma autónoma) ou então é colocada no chão, encostada a uma parede. Estes dois posicionamentos vão condicionar a sua decoração. Se depositada num arcosólio, a tendência é para apresentar a única face visível com decoração. Colocada no chão da igreja, é a tampa que é enfatizada, porque o túmulo é visto de cima. É, aliás, neste período, no final do século XIII, que aparecem os primeiros jacentes em Portugal, o que em nossa opinião, embora obedecendo a pulsões bem mais complexas, de um ponto de vista formal não será alheio a este problema da colocação num espaço em que o ângulo de visão é de cima para baixo.

No século XIV há nitidamente um movimento para fora da parede com a consequente autonomização do túmulo

O século XV é caracterizado por um movimento em direcção à parede

24

... São seis os tipos de decoração utilizados nas arcas medievais portuguesas: a heráldica , a de referência arquitectónica , a icónica , a geométrica e/ou vegetalista , a escrita e também a pictórica , mas esta tratá-la-emos em separado e tendo como referência a globalidade do túmulo.

4.1. Decoração heráldica

... a introdução em Portugal da heráldica como código de identificação do tumulado é um fenómeno do século XIV com larga expansão nos séculos seguintes, tendo-se implantado sobretudo a partir de Lisboa.

28

4.2. A decoração de referência arquitectónica e icónica

Reinaldo dos Santos : "O grande período da escultura tumular é o século XIV"

29

As edículas das quatro arcas dos séculos XI e XIII têm como característica comum uma certa retórica dos elementos de inspiração arquitectónica. Nos túmulos de Grijó ... e de Alcoçaba ... a ênfase vai toda para as figuras esculpidas, enquanto a função dos arcos em volta é exclusivamente a de separar os espaços de cada uma delas. Veremos que no século XIV, ao contrário, as arcas apresentam uma estrutura arquitectónica homogénea que é o suporte de uma teoria de pequenas estátuas. Se bem que o valor iconográfico destas seja de importância primordial, a edícula tem um objecto próprio na economia da escultura das faces das arcas trecentistas: oferecer à figuração uma (/30) envolvente arquitectónica credível, embora miniatural.

... As composições autónomas deste período são bem o reflexo da situação artística vivida em Portugal: partindo de um quadro de referências da arte românica, manifesta-se a criatividade popular com as suas memórias e persistências não apagadas pelo discurso da cultura dominante. No momento em que volta a ser manifesto o desejo de tumulação individualizada, ainda não está estabilizado o quadro de cânones que vão presidir à arte tumular dos séculos sucessivos. É neste contexto que se pode explicar a narratividade dos túmulos de Egas Moniz (inv. n.º 37) e Gomes Martins (Inv. n.º 23) [Monsaraz] Na arca deste último ... é evidente a memória do sarcófago romano historiado que vai permanecer na tumularia portuguesa até ao princípio do século XV. ... Por outro lado os túmulos de D. Henrique, filho de Sancho I (inv. n.º 16), de D. Urraca (inv. n.º 25) e de D. Rodrigo Sanches (inv. n.º 35), ... são esculpidos dentro dos cânones eruditos da grande arte românica de dimensão europeia.

A edícula característica do século XIV é constituída por um arco trilobado inserido num gablete triangular cogulhado. A fazer separação entre as edículas, um botaréu ora pinaculado e cogulhado, ora encimado de ameias. Dentro de cada edícula, uma imagem que pode ter conexão com as outras edículas, seguindo portanto uma linha de horizontalidade (por exemplo nos Apostolados) ou ter tratamento individual provavelmente em relação com a devoção do tumulado, por conseguinte numa sucessão de linhas verticais. São excepções, as arcas dos túmulos de D. Vataça (inv. n.º 58) cujas edículas são constituídas por arcos cogulhados de volta perfeita enquadrando águias bicéfalas — o seu brasão, e de Leonor Afonso (inv. n.º 115) com arcos polilobados envolvendo duas figuras cada

32

Composições autónomas nas arcas, com excepção das de D. Pedro e D. Inês de Castro:

Calvário - 7 - inv. n. os 50, 61, 69, 97, 106, 111, 123;

Cena de caça - 5 - 97, 119 (duas faces), 122 (duas faces);

Virgem com o Menino - 4 - 50, 60, 111, 112;

Anunciação - 3 - 72, 97, 115;

Coroação da Virgem - 2 - 106, 13;

Última ceia - 106, 123;

Símbolos dos evangelistas (dois em cada facial) - 2 - 50, 61;

Pantocrator rodeado pelo Tetramorfo - 1 - 69;

(/33) São Francisco recebendo os estigmas - 1 - 115;

Círculo envolvendo uma cruz - 1 - 118

As arcas do século XIV representam uma emancipação da escultura tumular portuguesa em relação à tradição do NW peninsular. As cenas de caça são o único tema que remete para uma continuidade com os séculos precedentes. Os outros temas e a forma como são tratados são de consonância peninsular num momento em que as condições vividas no território nacional já permitem a adesão sem reservas aos cânones da modernidade gótica.

34

... Nas composições autónomas, a frequência mais expressiva (4) é a das que têm ligação com a personalidade tumulada [exemplos do século XV] . Duas remetem para o período anterior ao século XV [sic] : uma cena de caça entre dois brasões (inv. n.º 146) e um friso geométrico-vegetalista (inv. n.º 137) [D. Beringela Gil (?), mulher do fundador da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, séc. XV] .

35

4.3. A decoração geométrica e/ou vegetalista

Até ao século XV é pouco usada.

36

4.4. A decoração pela escrita

Os elementos identificativos do tumulado são introduzidos de forma gradual.

Em Portugal, foi sobretudo ao longo do século XIII que a consciência de indivíduo que recusa o anonimato histórico se foi consolidando. Para isso foram utilizados vários códigos: a escrita, o jacente, a heráldica e os elementos atributivos ou, se quisermos, metonímicos (espada, báculos, etc.).

Até ao século XV, a escrita praticamente não é usada nas arcas, mas antes nas tampas dos túmulos.

39

5. A tampa

44

O túmulo de D. Urraca (n.º 25) é dos poucos em que se verifica uma continuidade decorativa entre a arca e a tampa.

46

6. O jacente

Não existem no território hoje correspondente a Portugal túmulos com estátua jacente anteriores ao século XIII, podendo dizer-se que o seu aparecimento coincide grosso modo com a introdução da escrita, da heráldica, e das insígnias que caracterizam funções sociais, como códigos de identificação dos tumulados.

47

O estudo do jacente vem comprovar a riqueza da arte tumular no século XIV. Em termos quantitativos, produziu 44,4% dos jacentes medievais portugueses, contra os 17,9% dos séculos XII-XIII e 37,5% do século XV.

... Também no que respeita à representação de senhoras, o século XIV suplanta os outros grupos em que dividimos o nosso inventário. No século XIII só a rainha Urraca (inv. n.º 25) se fez figurar na tampa do seu túmulo. (1/48) No século XV, a quantidade de jacentes femininos é menor que no anterior mas, com o aparecimento dos jacentes duplos, é igual o número de senhoras representadas.

49

... De facto, no século XIV, os túmulos de cônjuges eram individualizados embora comungando do mesmo espaço e da mesma proposta estética. Estão neste caso os túmulos de D. Pedro I e D. Inês de Castro (inv. n. os 73 e 74), de D. Lopo Fernandes Pacheco e D. Maria Vilalobos (inv. n. os 80 e 81) e de Domingos Joanes e Domingas Sabachais (inv. n. os 62 e 63). Havia um outro exemplo, o de D. Pedro, conde de Barcelos (inv. n.º 119) que estava em S. João de Tarouca ao lado de sua mulher D. Branca de Sousa , cujo túmulo, hoje sem jacente, se encontra no museu de Lamego (inv. n.º 122).

... Outros túmulos onde a mulher é figurada num jacente têm tratamento individualizado, sem relação directa evidente com uma personalidade masculina. É o caso dos túmulos constantes do nosso inventário com os números 25 [D. Urraca](século XIII), 58 [D. Vataça], 60 [Infanta D. Isabel], 61 [Isabel de Aragão], 82 [D. Beatriz ou D. Maria], 86 [D. Margarida Albornoz], 87 [não identificada] e 100 [D. Maria Afonso , filha natural de D. Dinis] (século XIV). Se tivermos em conta os jacentes duplos, há portanto, no período em estudo, dez jacentes femininos em situação conjugal ... e onze singulares.

51

... Será durante o reinado de D. Dinis que se reactivará por parte dos reis e seus filhos o interesse pela perpetuação histórica através de uma efígie.

52

Túmulo da infanta D. Isabel mandado fazer pela sua avó, a rainha Santa Isabel.

D. Isabel de Aragão (n.º 141) tem dois túmulos: um com jacente (em Santa Clara a Nova) e outro na capela do fundador, Batalha, sem jacente, ao lado de seu marido.

54

D. Isabel de Aragão é a única mulher da realeza tumulada individualmente no século XV.

A infanta D. Beatriz (ou D. Maria), na Sé de Lisboa, é das poucas figuras femininas cujos pés são cobertos pelas vestes, não apresentando qualquer suporte directo.

Pensamos que a existência de animais aos pés dos jacentes, para além da sua função simbólica (de lealdade, de força, de esconjuro das forças do mal ou da vitória sobre elas), tem uma função estrutural: a de oferecer um suporte onde se possam fixar os pés, tornando credível o tratamento dado às vestes. Na não existência de mísula, que daria imediatamente uma linha de leitura na vertical, é a figuração de animais simbólicos em sua substituição, que vai dar, nesta zona, o contraponto à almofada da zona da cabeceira, para a afirmação da ideia de repouso horizontal do jacente, ao mesmo tempo que, como apoio dos pés, não põe em causa o modo como caem as pregas das túnicas e dos mantos. No período em análise, o apoio para os pés mais utilizado, foi a mísula.

58

...A figuração dos cães como suporte dos pés e acompanhantes dos jacentes, atinge o seu ponto mais alto no século XIV.

59

Aos pés da Rainha Santa e de D. Maria Vilalobos , cães que disputam um osso.

Os leões são mais característicos do suporte das arcas que das estátuas jacentes. Só três jacentes se fazem acompanhar de leões O túmulo da infanta D. Isabel (inv. n.º 60), assentando directamente no solo, passou três leões para cima da tampa.

60

Anjos largamente representados sobre a tampa.

Araínia santa Isabel e a infanta D. Isabel são as únicas tumuladas a ser incensadas por pares de anjos com turíbulo.

61

O túmulo da rainha santa é o único túmulo feminino com a representação de um anjo com a alma do defunto.

... Nos séculos XIV e XV todos os anjos se encontram na zona da cabeceira geralmente olhando o Alto e ajudando o jacente a levantar-se ao chamamento das trombetas do fim do mundo. Há um grande dinamismo na movimentação dos anjos ... que contrasta com a posição hierática dos jacentes.

62

A maioria dos jacentes apoia-se sobre duas almofadas.

65

Não se registam evoluções na indumentária feminina laica dos jacentes do período em análise. O facto da rainha D. Isabel de Aragão e de várias senhoras do século XV se terem feito figurar com vestes religiosas não tem outro significado além do devocional, quer dizer, do ponto de vista da evolução do vestuário dos jacentes não é representativo.

Vergílio Correia : "As mulheres aparecem enroupadas de vestidos longos, apertados na cinta, de mantilha sobre a cabeça, se eram de idade, com os cabelos soltos se donzelas haviam fenecido (túmulos das infantas de Odivelas, de Santa Clara, e da Sé de Lisboa). As donas, quando eram "terceiras", mostram a beatilha ou touca cingindo a cabeça, o véu de colo soqueixado, e sobre o corpo a esmoleira trapezoidal simbolizando a caridade (Santa Isabel e a Dona Ignota da capela de Santo Aleixo, da Sé de Lisboa)." Sobre estes vestidos, acrescentamos nós, portam um longo manto que por vezes os envolvem ou, ao serem apertados no peito por uma jóia, pouco deixam à vista do que lhes está por baixo.

67

... a cabeça do jacente.

Numa primeira situação não havia a preocupação de naturalismo, regendo-se a representação do rosto muito mais pelo propósito de simbolizar o estado de bem-aventurança do tumulado do que significar com fidelidade as suas feições. - Tendência a partir do século XIV para retratar o tumulado.

68

... As senhoras têm a cabeça coberta por véus (inv. n. os 56, 86 e 87) que não escondem completamente os cabelos no jacente de Domingas Sabachais (inv. n.º 63) e da infanta D. Maria (inv. n.º 82), enquanto D. Maria Vilalobos e a infanta D. Maria ... apões sobre as suas pregas uma coroa de flores. As senhoras falecidas jovens apresentam-se com o cabelo descoberto (inv. n.º 60 e 100) tendo a infanta D. Isabel sido figurada com uma coroa aberta sobre ele.

69

As rainhas [do século XV] assentam a coroa sobre longos cabelos (Inv. n. os 154 e 159), ao contrário das dos séculos anteriores que têm a cabeça envolvida por um toucado.

... Como acontece com a indumentária feminina, não há variações sensíveis na maneira como são apresentadas as cabeças dos jacentes de senhoras entre os séculos de trezentos e

quatrocentos.

"Les mains constituent l'élément le plus expressif du gisant médiéval, plus expressif que le visage (...), il parle surtout par les mains, très belles". Este postulado de Philippe Ariès introduz-nos na nossa reflexão sobre as mãos dos jacentes medievais portugueses.

Organizá-la-emos em quatro grandes blocos, tendo os três primeiros como ponto de partida a relação entre os gestos das mãos e os símbolos que (/70) induzem a função social dos tumulados. - jacentes com báculo, com espada, outras soluções e mãos em postura de oração.

73

O outro conjunto que organizámos a partir dos objectos que são figurados em conexão com as mãos dos jacentes é constituído por pequenos grupos que vêm enriquecer com termos específicos o vocabulário do discurso que estamos a analisar. Em primeiro lugar, os jacentes com um livro aberto segurado pelas duas mãos sobre o peito (inv. n. os 81, 82 e 86) ou sobre o ventre (inv. n.º 138). ...

... Já nos da Sé de Lisboa, do século XIV, os braços estão alçados, encontrando-se os livros em posição de serem lidos se bem que o efeito seja mais conseguido nos jacentes de D. Maria Vilalobos e da infanta D. Maria do que no de D. Maria Albornoz. (/74) São todos jacentes de senhoras, que adoptam uma postura bem diferente de repouso em que podemos surpreender a maior parte das efígies desta época, antecedendo pela sua atitude dinâmica, os jacentes orantes que, em Portugal, só apareceram no século XVI. Segundo Philippe Ariès, talvez tenham sido as mulheres as primeiras a romper o hieratismo do jacente.

75

A última situação deste bloco tem como referência as luvas que ambos os tumulados seguram numa das mãos. São as estátuas jacentes de Domingos Joanes [e Domingas Sabachais] ... que aperta a bainha da sua espada com a mão esquerda, e de Inês de Castro ... que levanta com a direita as pontas de um longo colar. ... O monumento de Oliveira do Hospital encontra-se num espaço construído como capela funerária onde o tumulado jaz ao lado da mulher, também (/76) ela trajando de forma muito cuidada. É difícil entender este espaço, por os túmulos não se encontrarem nos lugares para que foram idealizados, o que é manifesto pela posição reclinada que os jacentes adoptaram e que pressupõe um fundo a que estejam encostados. De qualquer modo a existência no mesmo espaço da conhecida pequena estátua equestre de cavaleiro medieval ..., reforça o lado monumental desta exumação e tem certamente a ver com o grande cerimonial em que os defuntos foram tumulados. É neste contexto que, em nosso entender, devem ser vistas as luvas de Domingos Joanes isto é, a imagem que deixou de si para ser presente ao Julgamento Final é a do cavaleiro, impressionante na força das suas longas barbas e cabeleira, assumindo o formalismo das suas funções sociais bem terrenas.

77

Jacentes com as mãos em posição de oração (no século XIII, as mãos cruzadas sobre o peito ou o ventre): não é o tipo de jacente mais comum.

D Urraca - mãos cruzadas sobre o peito.

Rainha Santa Isabel - mãos cruzadas sobre o peito.

Domingas Sabachais - mãos cruzadas sobre o ventre.

79

7. O suporte

A maior parte das arcas tumulares medievais portuguesas não assenta directamente no solo. Para altear a arca feral são utilizadas três soluções:

os suportes individualizados

o basamento

o arcossólio

... Na maior parte dos casos o suporte individualizado do túmulo contrasta com este por não utilizar a mesma gramática estilística ou por ter uma mestria e um domínio do material diferente. Este facto e a repetição de casos em que o material utilizado é diferente da arca, leva-nos a pensar que terão existido oficinas de canteiros especializados na feitura destas bases de sustentação dos túmulos.

82

... Mais de metade dos apoios deste tipo (63,3%) são constituídos por figurações de leões no século de trezentos.

83

Século XIV: Os colonelos como suporte prolongam o discurso iniciado no século anterior sendo, em número de quatro, na base do jacente do bispo D. Fernando Martins do Museu de Évora ... e dos principais túmulos do interior da Sé de Lisboa (inv. n. os 79, 80 e 81) ...

86

O arcossólio: Com a entrada no interior da igreja, o arcossólio acompanha-os mantendo o cunho que tinha no exterior. ... Sem pretendermos aprofundar o problema da evolução do espaço funerário, queríamos registar aqui a nossa convicção de que o carácter de domínio privatizado [expressão de Michel Vovelle] do arcossólio o coloca na origem da construção de capelas funerárias no interior das igrejas que nesta perspectiva, não seriam mais que o seu alargamento e, termos espaciais.

95

9. A pintura

A pintura na arte tumular medieval portuguesa ... tem uma expressão diminuta, tanto mais de realçar quanto em Espanha e em zonas muito próximas da fronteira com Portugal, ela adquire uma significância enorme na economia do seu discurso.

97

Os [túmulos] da rainha Santa ... e de sua neta ..., foram repintados em época mais recente com cores berrantes e com o realçar de pormenores como os olhos, barbas [?] ou a orla do hábito, que falseiam a verdade da policromia coetânea da construção dos monumentos.

99

10. O material

A pedra é o material por excelência.

100

No território nacional foi utilizada na feitura da grande maioria dos túmulos, a pedra local, podendo dizer-se grosso modo que os monumentos funerários do norte são de granito e os do sul, de calcário. Incluímos na designação de calcário, os mármoreos do Alentejo, o lioz de Lisboa ou a pedra de Ançã e de Portunhos da região de Coimbra.

No entanto, há excepções logo no século XIII com a importação para a região do granito, do calcário brando do centro do país. De facto este tipo de pedra é o que mais se coaduna com o tipo de escultura algo miniatural que decorou as arcas dos túmulos medievais, inspirada nos relicários de marfim e de metais preciosos que a Idade Média não cessou de produzir.

O túmulo de Branca de Sousa é o único túmulo feminino em granito.

104

11. A evolução da linguagem da arte tumular portuguesa entre os séculos XII e XV

Ao nível da história das mentalidades, a grande clivagem que se opera durante o período que decorre do século XII ao século XV ..., é a da modificação profunda da atitude do homem perante a morte.

105

No território que é hoje Portugal, o aparecimento de túmulos com elementos identificativos opera-se a partir do início do século XIII.

... Três grandes linhas se desenvolvem ao longo dos séculos XII e XIII na arte tumular portuguesa: uma que parte do devir cultural do NW peninsular caracterizada pela sua decoração geométrico-vegetalista e pela inclusão de elementos simbólicos de que o Túmulo de Domingos Pires Sequeira de 1248 (inv. n.º 4) nos parece o melhor exemplo. É nos parâmetros culturais desta zona geográfica que também se situam os jacentes de Paderne e de Paços de Ferreira ... no que eles representam de interpretação ingénua, isto é, não erudita ... do tema recentemente introduzido da figuração de efígies nas tampas dos sarcófagos.

106

A segunda é de consonância ibérica e, para além de um discurso semelhante ao da região galaico-portuguesa, adopta uma gramática decorativa de influência ou moçárabe ou leonesa. Estão no primeiro caso as arcas de Alcoçaba ... que patenteiam semelhanças evidentes ... com túmulos castelhanos como por exemplo o da rainha Cristina da Suécia, em Covarrubias.

108

A terceira linha de leitura para a compreensão da linguagem da tumulária medieval portuguesa dos séculos XII e XIII, concerne os monumentos que utilizaram o discurso da cultura de elite, de consonância europeia .

Estão neste caso os túmulos de D. Urraca ..., de D. Rodrigo Afonso

O século XIV vai ser marcado pelo desejo generalizado de tumulação individualizada nas classes sociais com capacidade para tal. A quantidade de túmulos monumentais aumenta muito, nomeadamente os que são mandados erigir pelos reis e pelas pessoas a eles directamente ligadas.

A fixação das fronteiras portuguesas e a estabilidade do longo reinado de D. Dinis com o consequente estabelecimento de uma hierarquia (/110) pela primeira vez nacional e centralizada no poder real, levaram a que, por um lado tenha havido uma deslocação dos locais de exumação de Norte para Sul e por outro à endogeneização de características estéticas de carácter nacional.

Dois outros factores terão contribuído para o grande aumento da frequência de túmulos ricos no século de trezentos. Em primeiro lugar, a acção das ordens mendicantes, nomeadamente a de S. Francisco, que, estando implantadas nas principais cidades, tinham condições para dar outra eficácia à expansão dos pontos de vista da Igreja. A capacidade de intervenção dos franciscanos está atestada na figuração, em dois túmulos (inv. n. os 115 e 171), da cena de S. Francisco recebendo os estigmas. Por outro lado, pode-se dizer que a Peste negra, o segundo factor, não terá tido a importância no desenvolver da arte tumular que geralmente lhe é atribuída. Tendo ocorrido nos anos 40 e 50 do século XIV, não representa, no imediato nenhuma clivagem visível, até porque a maioria dos grandes monumentos funerários deste século estavam já concluídos. Os seus reflexos ir-se-ão fazer sentir sobretudo no século XV.

... Sem pormos o problema de os autores da escultura tumular de trezentos serem ou não de origem portuguesa, o que achamos ser de salientar é a alta qualidade de parte significativa da produção deste século e a sua unidade em termos de propostas estéticas sem diferenças significativas entre os diversos centros produtores. Podem-se estabelecer na tumulária (/111) portuguesa desta época, ciclos irradiando das principais cidades (Lisboa, Coimbra e Évora) como fez Reynaldo dos Santos, com a determinação das características de cada um deles.

... Na arte tumular portuguesa do século XIV, o processo de individualização do túmulo e a humanização dos jacentes são já um facto culturalmente endógeno.